

Uma acção constante de perseguição aos BA's

por Salomão Moyana (AIM)

Os dirigentes do distrito da Manhiça, na Província do Maputo, afirmam-me várias vezes que a situação militar está sob «o nosso real controlo e que o bandido armado está em constante fuga, evitando a todo o custo o encontro com as nossas Forças».

Estas fontes acrescentaram que, hoje, «o alvo do bandido é aquela população que se recusa a ser roubada, aquela que o denuncia junto das Forças Armadas».

Durante quatro semanas permanecemos na floresta com unidades do nosso Exército. Duas das áreas visitadas foram Mbenguelene, a 20 quilómetros a Norte da sede do distrito da Manhiça, e Maluana, 25 quilómetros a Sul da mesma sede.

A nossa chegada a Mbenguelene, uma fonte local disse-nos que os ataques dos bandidos armados a machimbombos em Tanninga e Maluana, ocorridos nos primeiros dias de Janeiro deste ano, foram os últimos de tal envergadura, devido às «medidas que foram tomadas de perseguição e emboscada ao bandido em vários pontos por onde ele passava».

A mesma fonte informou que, como consequência dessas acções, a 15 de Janeiro soldados de uma unidade militar abateram quatro bandidos armados e capturaram dois durante a destruição de um posto avançado dos bandidos na região de Nhambi, a Ocidente da Vila da Manhiça. Adiantou que, em Tanninga, o inimigo sofreu na semana seguinte três mortos.

Sobre Tanninga, falou-nos também um comandante de uma unidade que actua na região; ele disse que as tropas, sob seu comando (que estavam em Tanninga em Janeiro) descobriram que os bandidos armados actuavam naquela região sob a orientação de um miliciano da Aldeia Comunal 3 de Fevereiro.

«No dia 26 de Janeiro esse miliciano deu instruções a um grupo de bandidos no sentido de atacar uma coluna de camiões e autocarros que vinham do Maputo, escoltados por tropas de Gaza. Quando a coluna parou logo o miliciano, envergando a nossa farda, foi visto a fugir. Perseguiu-o e foi abatido a tiro pelos companheiros de Gaza», disse o nosso interlocutor que acrescentou: «Depois desse dia, os bandidos nunca mais voltaram a queimar carros em Tanninga».

O Comissário Político tomou a palavra para sublinhar que «a nossa acção desorganizou o bandido. Ele já não dispara. Quando vê as nossas patrulhas pura e simplesmente foge».

«Outro factor que desarticula o banditismo», continuou, «é o ódio que a população nutre por ele. Somos informados cada vez com maior frequência pela população, de todos os movimentos do bandido e nós surpreendemo-lo muitas vezes com emboscadas».

Perguntámos ao Comissário Político sobre a moral dos seus soldados e ele respondeu-nos que «estes soldados têm uma elevada moral combativa. Mesmo naqueles dias em que, devido à desorganização da logística,

chegámos a não ter nada para comer aqui no Comando, eles patrulhavam o mato, combatendo o bandido».

E acrescentou: «Como pode ver, pessoalmente, nem todos os soldados têm botas e fardamentos em condições. Mas, mesmo assim, diariamente vasculham a floresta de ponta a ponta».

Dé facto, uma das dificuldades apresentadas pelos soldados nas longas marchas, que com eles fizemos, foi a falta de calçado apropriado para protegerem os pés dos espinhos e micas entrelaçadas pela floresta virgem, que a luta contra o bandido impõe.

Depois, o Comissário Político falou da zona de responsabilidade da sua unidade, tendo esclarecido que, a partir de Janeiro, foi feita uma nova responsabilização dos efectivos militares por zonas.

Durante a nossa estada com aquela unidade apercebemo-nos de que, nas suas missões para o interior, existe intima coordenação entre as várias forças operacionais, encontrando-se o bandido praticamente encurralado no interior de um rectângulo.

O povo, que outrora vivia nas localidades de Nhambi, Malangane, Macanzene, M'ssene, Cocolo, Barrica e M'Rona, zonas afectadas pelos crimes do inimigo, já se retirou, encontrando-se neste momento a construir aldeias comunais nas regiões de Chinhanganine (Moamba), Mbenguelene e Maluana, no distrito da Manhiça. A escolha destes locais pelo povo obedeceu a princípios de segurança, uma vez que lá encontra-se protegido pelo Exército.

Contudo, no interior do tal «rectângulo» militar ainda se encontram muitos interesses da população. As pessoas abandonaram lá as suas machambas e o seu gado. Outras deixaram casas de alvenaria de grande valor e não esperam, a curto prazo, vir a conseguir a mesma comodidade social que já haviam conquistado naqueles lugares.

As Forças Armadas, estacionadas em diversas posições, acompanham frequentemente os antigos residentes que pedem para ir procurar nas suas antigas machambas produtos alimentares, bem como demolir algumas das suas habitações para o aproveitamento do material de construção que tanta falta lhes faz nas suas novas residências.

Se bem que a população atravessa certas dificuldades na sua adaptação às novas zonas residenciais, dúvidas não há de que a sua evacuação, das regiões afectadas, pôs ponto final aos crimes macabros que o bandido sempre praticava, e permitiu pôr o inimigo numa situação de fome permanente, o que o obriga a aventurar-se para zonas sob firme controlo das nossas Forças, onde cada vez mais encontra a morte ou é capturado.

Esta situação de encurralamento do bandido e a sua progressiva debilidade, permite-nos esperar que a acção criminosa do banditismo tenha entrado na sua derradeira fase no distrito da Manhiça.